



metodologia  
de intervenção  
com alunos e alunas  
promovida por  
professores tutores

---

# MANUAL DE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES TUTORES



# ÍNDICE

NOTA INTRODUTÓRIA .....	5
<b>1 - APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES E DO ANIMADOR .....</b>	<b>7</b>
<b>2 - AVALIAÇÃO DE EXPECTATIVAS .....</b>	<b>10</b>
<b>3 - AVALIAÇÃO DE PRÉ-REQUISITOS .....</b>	<b>11</b>
<b>4 - APLICAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS DO PROFESSOR TUTOR .....</b>	<b>18</b>
<b>5 - QUESTÕES COMUNICACIONAIS: INTERACÇÃO PROFESSOR TUTOR/ALUNO E PROFESSOR TUTOR/FAMÍLIA .....</b>	<b>24</b>
<b>6 - DISTINÇÃO ENTRE O PROFESSOR TUTOR E OUTRAS FIGURAS QUE ACTUAM NO CONTEXTO ESCOLAR .....</b>	<b>39</b>
<b>7 - PLANIFICAÇÃO ANUAL DE ACTIVIDADES .....</b>	<b>44</b>
<b>8 - AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO .....</b>	<b>45</b>
ANEXOS .....	47



## NOTA INTRODUTÓRIA

A estruturação desta formação foi feita de acordo com alguns princípios fundamentais. O mais importante deles diz respeito à flexibilidade. Embora apresentando uma estrutura base, a metodologia de formação aqui avançada pretende primar pela plasticidade, tendo em vista a necessária adaptação aos contextos, grupos e *timings* de implementação de uma determinada acção formativa. Outro princípio relevante na estruturação desta proposta formativa foi a aposta em dinâmicas activas ou experienciais, que favoreçam o envolvimento do grupo e a aprendizagem numa lógica de partilha de conhecimentos. O recurso frequente a plenários e sínteses visa garantir que a informação trabalhada será devidamente integrada pelos professores tutores.

Apesar de se basear num pressuposto de flexibilidade, esta proposta de formação não deixa de respeitar os requisitos mínimos necessários à sua contemplação em planos de formação contínua de professores, nomeadamente a previsão de actividades formativas para um mínimo de vinte e cinco horas, bem como o desenvolvimento das acções formativas devidamente certificadas para esse efeito.<sup>1</sup> Ao respeitar estes requisitos mínimos, as acções formativas realizadas pelos professores tutores poderão, assim, ser devidamente reconhecidas e acreditadas, contribuindo para efeitos de avaliação e de progressão na carreira docente.

A proposta formativa contida neste pequeno manual versa aspectos como:

- dinâmicas de apresentação e de estimulação da coesão grupal;
- avaliação inicial do conhecimento acerca do perfil do professor tutor;
- avaliação de expectativas e de pré-requisitos em relação ao conteúdo da formação;
- abordagem ao sintoma escolar, às perspectivas teóricas de compreensão e aos modelos de resolução do mesmo;

<sup>1</sup> Na Região Autónoma dos Açores (RAA), poderá suceder que as acções formativas iniciais de professores tutores não sejam integradas no plano de formação anual oficial proposto pelos Centros de Formação de Escolas. Todavia, qualquer unidade orgânica poderá propor uma acção formativa nesta área fora do plano oficial, desde que respeite os requisitos previamente apresentados.

- aspectos relacionais no eixo de interacção professor/aluno/família;
- competências de interacção (relacionais e comunicacionais) que podem favorecer a criação de um espírito cooperativo entre o professor tutor, o aluno e a família.

Cada sessão é apresentada tendo em conta o objectivo a atingir, o tempo limite de realização da actividade, os materiais necessários e a exploração das dinâmicas a desenvolver. O tema de cada bloco previsto na formação inicia-se com um breve enquadramento.

Será ainda de salientar que toda a formação é acompanhada por dois instrumentos que visam promover, por um lado, a criação de uma certa coesão de grupo, associada à própria ideia do seu desenvolvimento e, por outro, a auto e a hetero-reflexão.

O primeiro instrumento é o painel dinâmico. Trata-se de um painel criado em papel de cenário, ao longo de uma parede, no qual alguns dos recursos utilizados (fotos, registos, entre outros) poderão ser afixados ao longo da formação, servindo para que sejam, também, anotados comentários, dúvidas e sugestões que permitam amplificar a reflexão do grupo e enriquecer o debate. O painel deverá receber um título que, de preferência, reflecta princípios como crescimento, aprendizagem ou desenvolvimento. A partir do título, deverá ser feita uma composição ajustada às próprias características do grupo, numa lógica de co-construção.

O segundo instrumento que deverá ser usado é o diário pessoal. A cada participante é distribuído no início da formação, após a apresentação, um bloco de notas no qual, sempre que o animador o solicitar ou sempre que o participante assim o desejar, serão apontados os aspectos considerados mais relevantes na actividade formativa.

## 1 - APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES E DO ANIMADOR

Numa sessão inicial, deverá ser dado particular destaque à coesão do grupo de professores tutores que irá trabalhar em forte articulação, durante o ano lectivo. Nesse sentido, deverão ser promovidas, inicialmente, algumas dinâmicas que facilitem esse movimento, de modo a que possam ser criadas condições para que o grupo possa disponibilizar o suporte mútuo necessário ao desenvolvimento das actividades de tutoria.

As dinâmicas apresentadas de seguida são duas alternativas possíveis, em função das características de cada grupo, embora outras consideradas mais convenientes possam ser usadas em seu lugar.

### DINÂMICA 1 - APRESENTAÇÃO DOS MEMBROS DO GRUPO

**Objectivos:** permitir a apresentação individual e o exercício da comunicação dentro do grupo.

**Tempo limite:** 30 minutos.

**Material:** a) diversas gravuras, fotos ou desenhos recortados de revistas ou de jornais usados; b) um gravador com música adequada para fundo (se considerado relevante).

#### Desenvolvimento da dinâmica

Colocar as cadeiras em círculo no centro da sala. No meio do círculo, colocar uma mesa onde são deixadas as figuras, desenhos ou fotos, de modo a que estejam disponíveis para todos.

É pedido a cada um dos presentes que escolha duas gravuras, uma que lhe transmita

tranquilidade e outra que lhe transmita algo negativo, enquanto a música toca. O animador deverá realizar o mesmo exercício, conjuntamente com os participantes.

Pede-se, em seguida, que cada um se apresente, individualmente, da forma que melhor lhe convier e que, na sequência dessa apresentação, explique por que razão escolheu aquelas gravuras e/ou por que se identifica com elas.

Posteriormente, as figuras são afixadas num papel de cenário ou directamente na parede, dando início à construção do painel dinâmico da própria formação, que acompanhará toda a acção. As fotos poderão ser identificadas com o nome dos participantes e/ou um comentário relevante. Entretanto, é explicado aos participantes que o painel servirá para que todos vão colocando dúvidas, comentários ou sugestões. Tanto o animador como os participantes deverão estar atentos a estes contributos, uma vez que poderá tratar-se de elementos adicionais a (re)introduzir ao longo da própria formação.

No final desta dinâmica, como se se tratasse de um filme ou de um livro, deverá ser dado um nome ao painel afixado na parede, que preferencialmente remeta para ideias como crescimento, desenvolvimento ou aprendizagem. De seguida, é feita uma pequena composição em grupo (sob a forma de pintura, desenho, colagem ou outra) que reflecta o título em causa.

## DINÂMICA 2 - APRESENTAÇÃO DOS MEMBROS DO GRUPO<sup>2</sup>

**Objectivos:** apresentação; promoção da auto-revelação.

**Material:** cartões preparados, cada um com uma pergunta.

**Tempo limite:** cerca de 30 minutos.

<sup>2</sup>Esta dinâmica pode ser usada em alternativa à dinâmica 1.

### **Desenvolvimento da dinâmica**

O animador forma um círculo com as cadeiras, de modo a que os participantes se sentem em torno de uma mesa colocada no centro. Sobre a mesa são colocados cartões com perguntas. Os cartões devem ser dispostos de modo a que as perguntas não possam ser vistas pelos participantes.

Depois dos participantes estarem instalados, é-lhes explicado que cada cartão tem uma pergunta no seu verso. Cada participante deve pegar num cartão, apresentar-se da maneira que considerar mais conveniente e responder à pergunta que nele estiver inscrita, depois de lê-la em voz alta.

Se o participante não se sentir à vontade para responder à pergunta que lhe coube em sorte, poderá trocar o cartão retirado por outro.

O animador deverá explorar cada resposta, colocando outras questões consideradas pertinentes e que possam, de alguma forma, aprofundar o conhecimento mútuo e fornecer elementos relevantes para uma eventual reflexão em grupo.

### **Exemplos de perguntas a inscrever no cartão**

- O que é que sabe fazer melhor?
- Se ganhasse o Euromilhões, o que faria com o dinheiro? Porquê?
- Qual foi o momento mais feliz da sua vida? Porquê?
- Diga três coisas que mudaria no sistema de ensino, se fosse ministro da Educação, e explique por que são essas coisas importantes para si.
- Para si, o que é ser professor? Explique o melhor que puder.
- Se o mundo acabasse em 10 minutos o que faria? Porquê?
- Descreva o projecto escolar que lhe deu mais prazer.
- O que é que o costuma deixar mesmo zangado? Porquê?
- Qual foi o aluno que mais o marcou na sua vida? Explique porquê.
- Diga que qualidades os outros costumam ver em si e descreva-as.
- Qual foi o professor que o marcou mais na sua vida? Diga porquê.
- O que é que gostaria de fazer que ainda não teve oportunidade? Porquê?
- Descreva as suas férias de sonho.

## 2 - AVALIAÇÃO DE EXPECTATIVAS

No seguimento da apresentação, e depois de trabalhado o grupo no sentido de o “abrir” um pouco e de promover a ligação com o animador, será importante iniciar uma avaliação genérica das expectativas acerca do trabalho como professor tutor. Nesse sentido, é proposta a dinâmica de trabalho que se segue e que servirá de ponte para um momento seguinte, designado por avaliação de pré-requisitos.

### DINÂMICA 1 - AVALIAÇÃO DE EXPECTATIVAS

**Objectivos:** avaliar as expectativas iniciais dos participantes acerca do trabalho como professor tutor.

**Tempo limite:** de 30 minutos a 1 hora.

**Material:** a) *post-its*; b) quadro e marcadores.

#### Desenvolvimento da dinâmica

O animador explica que é muito importante, nesta fase inicial do trabalho, perceber que expectativas os futuros professores tutores têm acerca da função que passarão a desempenhar. De modo a abordar essa questão de uma maneira mais lúdica, o animador distribui *post-its* pelos presentes. Neles, cada um dos professores tutores deverá escrever dois ou três aspectos sobre aquilo que espera que venha a ser esta sua nova actividade. Os aspectos mencionados poderão tanto reportar-se aos desafios como aos riscos inerentes ao papel do professor tutor.

Todas as opiniões e expectativas de cada um dos professores tutores devem ser escritas individualmente, sem que os colegas vejam o que está a ser anotado no papel.

No final, um a um, os participantes lêem aquilo que anotaram e afixam no painel dinâmico. Após a leitura, o animador, bem como todo o grupo, deverão colocar livremente algumas questões, procurando aprofundar as impressões e expectativas iniciais de cada um dos participantes.

### 3 - AVALIAÇÃO DE PRÉ-REQUISITOS

Após terem sido detalhadas as expectativas iniciais dos professores tutores ou de eventuais candidatos à tutoria, é importante perceber o que estes conhecem, em concreto, acerca do papel do professor tutor.

O trabalho a desenvolver nesta fase deverá partir de uma exploração livre, através de uma dada metodologia de trabalho, e terminar na apresentação da definição de tutoria prevista no manual do produto *Tutal* - metodologia de intervenção com alunos e alunas promovida por professores tutores.

Pelo meio, será importante que se utilizem estratégias de auto-avaliação do perfil que cada um faz de si próprio, no sentido de iniciar um processo de reflexão em torno das competências do saber-fazer e do ser consideradas indispensáveis ao processo de tutoria.

Este trabalho de auto-avaliação inicial constitui-se como um verdadeiro pré-teste, servindo de base para reflexão pessoal. Esta abordagem inicial ao perfil de competências será, mais tarde, retomada, já numa lógica de pós-teste, com recurso à mesma grelha de competências apresentada nesta fase.

## DINÂMICA 1 - AVALIAÇÃO INICIAL DE PRÉ-REQUISITOS<sup>3</sup>

**Objectivos:** avaliar o conhecimento acerca do papel do professor tutor; promover uma discussão inicial em torno desse papel.

**Tempo limite:** de 30 minutos a 1 hora.

**Material:** a) folhas de papel; b) fita adesiva; c) quadro e marcadores.

### Desenvolvimento da dinâmica<sup>4</sup>

O grupo está sentado em círculo. Sobre uma mesa deixada ao centro são colocadas fotos, recortadas em jornais e revistas, de pessoas conhecidas. De entre as fotos disponíveis, os professores tutores deverão escolher uma ou duas (conforme o tamanho do grupo), por acharem que as pessoas nelas exibidas têm características que fariam delas bons tutores.

Uma vez escolhidas as fotografias, os professores tutores deverão justificar a opção, apontando até três das maiores qualidades que essas pessoas parecem ter e que fariam delas bons tutores.

O animador, para cada foto escolhida, deverá anotar no quadro as características apontadas pelo participante como sendo propícias e/ou fundamentais para o exercício do papel do tutor. Essas características permanecem anotadas, para serem retomadas após a dinâmica 2 deste bloco de actividades.

<sup>3</sup> Esta dinâmica poderá ser usada em alternativa à dinâmica anterior ou em articulação com a mesma, consoante as características do grupo e/ou o tempo disponível.

<sup>4</sup> Se se pretender activar um pouco mais o grupo, poder-se-á optar por espalhar as fotos pelas paredes da sala ou pelo chão, convidando as pessoas a circular para observá-las. Depois de feita a observação, cada um dos participantes deverá ficar próximo da fotografia escolhida. Neste caso, a mesma fotografia pode ser escolhida por vários participantes. O resto da dinâmica pode ser desenvolvida em conformidade com o guião de questionamento anterior.

## DINÂMICA 2 - AVALIAÇÃO INICIAL DE PRÉ-REQUISITOS

**Objectivos:** avaliar o conhecimento acerca do papel do professor tutor; promover uma discussão inicial em torno desse papel.

**Tempo limite:** cerca de 30 minutos.

**Material:** a) folhas de papel; b) fita adesiva; c) quadro e marcadores.

### Desenvolvimento da dinâmica

Antes de iniciar a discussão, o animador pede um voluntário. A sua função será a de anotar um conjunto de reflexões que resultarão da dinâmica.

Pede-se ao grupo que se levante e que se coloque de frente para o quadro existente na sala. O animador explica que irá fazer-se um debate em formato prós e contras. Nele, os membros do grupo irão manifestar-se em relação a um conjunto de afirmações (apresentadas uma de cada vez), dizendo se estão completamente a favor, completamente contra ou numa posição intermédia entre estes dois extremos. Nesse sentido, são marcados no chão, em frente ao quadro, os extremos do contínuo (de um lado o limite do “completamente a favor” e no outro o limite do “completamente contra”) e também o ponto médio. Será em relação a esses pontos que os presentes deverão distribuir-se, manifestando a sua opinião em relação a cada afirmação, dentro desse contínuo.

### **Exemplos de afirmações para o debate**

- qualquer professor pode ser um professor tutor;
- o professor tutor tem as mesmas funções de um director de turma;
- um professor tutor não deve ser professor da turma do aluno acompanhado em tutoria;
- os professores tutores devem trabalhar em par pedagógico de tutoria;
- um professor tutor é como se fosse um amigo;
- um professor tutor não deverá repreender um aluno para não perder a boa relação que pode ter com ele.

### **Regras para o debate**

- cada um deverá levantar o dedo para pedir para falar;
- cada um falará na sua vez (um adereço passado de mão em mão pode marcar quem está em posição de falar);
- cada opinião deverá ser dada de forma sucinta e deve estar directamente relacionada com a afirmação transcrita para o quadro.

Depois de realizadas as dinâmicas 1 e 2, e após as várias visões e opiniões terem sido debatidas, é aberto um plenário com o seguinte enquadramento:

“Nas duas actividades anteriores, foi possível debater que características deve evidenciar um tutor e quais as possíveis implicações dessas funções. Do debate que se gerou foram tomadas algumas notas (rever as anotações feitas ao longo das dinâmicas 1 e 2). Interessa agora sistematizar um pouco mais toda esta informação”.

Em seguida, coloca-se um conjunto de questões para daí se retirarem algumas conclusões.

Depois de feito o questionamento e de dinamizado o debate, consensualizam-se as categorias encontradas. A dinâmica termina quando o grupo tiver chegado a um acordo acerca das características que considera essenciais à tutoria, bem como à sua organização.

Os objectivos formulados/consensualizados entre o animador e o grupo poderão ser anotados no painel dinâmico, para adquirirem um carácter concreto e orientador da restante formação.

### Questões a colocar

- Acham que todas as características anotadas são realmente importantes para um tutor?  
São características das quais não se pode abdicar?
- Há algumas que poriam de parte? Porquê?
- Podemos agrupar estas características, constituir categorias de competências que um professor tutor deve evidenciar?
- Tendo em conta estes grupos de características, consideram que a relação do professor com pais e alunos deve ser mais formal, mais informal, ou deve incluir esses dois registos?
- Com esse tipo de postura perante pais e alunos, e demonstrando esse tipo de competências, quais deverão ser, no vosso entender, os objectivos que o professor tutor deverá procurar atingir na sua acção?

## DINÂMICA 3 - AUTO-AVALIAÇÃO

**Objectivos:** promover uma auto-avaliação baseada no perfil do professor tutor; realizar um exercício pré-teste.

**Tempo limite:** cerca de 10 minutos.

**Material:** a) questionários e esferográficas; b) quadro e marcadores.

### Desenvolvimento da dinâmica

Esta dinâmica consiste, simplesmente, no preenchimento do questionário do perfil do professor tutor baseado no manual (anexo I).<sup>5</sup>

Os questionários devem ser entregues ao animador, depois de devidamente preenchidos, e deverão ser considerados como um pré-teste, a comparar, no final da formação, com um segundo preenchimento do mesmo instrumento.

### DINÂMICA 4 - TESTEMUNHOS

**Objectivos:** promover a partilha de testemunhos de professores tutores.

**Tempo limite:** entre 15 a 30 minutos.

**Material:** a) *data-show* e computador portátil; b) vídeos com gravação de testemunhos.

### Desenvolvimento da dinâmica

De modo a estimular uma partilha de igual para igual, os professores tutores deverão visionar vídeos com os testemunhos de professores tutores que já desempenharam essas funções.

Deverá seguir-se um pequeno debate como forma de sintetizar as opiniões do grupo, em que poderão ser colocadas as seguintes perguntas:

- Em que é que estes testemunhos vos surpreenderam?
- Encontraram algo diferente nestes testemunhos em relação às características que consideram fundamentais no trabalho de um professor tutor?
- Acham que algumas das características/competências referidas nos testemunhos deverão ser acrescentadas àquelas que já foram mencionadas nesta sessão?
- Houve algo que tivesse sido dito pelos professores tutores entrevistados com que não tivessem concordado?

<sup>5</sup> Todos os anexos referenciados neste caderno surgem no final do próprio caderno, estando alguns deles também incluídos no CD-ROM de apoio às actividades do professor tutor.

## DINÂMICA 5 - SÍNTESE

**Objectivos:** Apresentar os objectivos gerais do trabalho do professor tutor.

**Tempo limite:** cerca de 1 hora.

**Material:** a) *Data-show* e computador portátil.

### Desenvolvimento da dinâmica

A dinâmica é essencialmente expositiva, baseando-se numa apresentação em *PowerPoint* onde são apontados a definição de tutoria e o perfil do professor tutor, previstos no âmbito do metodologia *Tutal*. A apresentação deverá, ainda, reflectir o processo de construção do perfil, de modo a dar a entender aos professores tutores que este foi um processo muito partilhado com os professores e que dependeu, em grande medida, da sua acção no terreno.

De seguida, deve estar previsto um período de debate e de esclarecimento de dúvidas postas pelo grupo.

Nesta fase, os participantes poderão ser convidados/estimulados a recorrer ao seu diário pessoal, para apontar um conjunto de reflexões que considerem pertinentes.

Poderá também, nesta altura, ser aberto um campo no painel dinâmico para que os participantes possam começar a introduzir as suas sugestões e/ou dúvidas.

## 4 - APLICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS DO PROFESSOR TUTOR

A definição do perfil do professor tutor, e a reflexão em torno deste conteúdo, deverá dar lugar a um trabalho mais centrado na aplicação das competências do saber, do saber-fazer e do ser, na prática do dia-a-dia do professor tutor.

Para tal, deverão ser privilegiadas actividades bastante dinâmicas, de confrontação com casos fictícios ou reais (evitando, naturalmente, a divulgação de dados pessoais), para que se treinem formas de compreender e trabalhar as referidas situações.

O trabalho, a partir desta fase, deverá ser feito por áreas de intervenção, isto é, privilegiando, em diferentes espaços, o trabalho mais centrado na ligação ao aluno e, posteriormente, à família.

### DINÂMICA 1 - GESTÃO DE LIMITES NA RELAÇÃO COM O ALUNO

**Objectivos:** promover a reflexão em torno dos limites relacionais na relação entre professor tutor e aluno.

**Tempo limite:** cerca de 30 minutos.

**Material:** a) *post-its*; b) painel dinâmico; c) quadro e marcadores.

#### Desenvolvimento da dinâmica

No início da dinâmica, pedem-se alguns voluntários, num número variável em função do tamanho do grupo, atribuindo-se, de seguida, o papel de observadores a todos os restantes participantes.

Após a distribuição de tarefas, passa-se a explicar que o exercício seguinte é uma espécie de teste. Os voluntários organizar-se-ão em pares. Nesses pares, um dos voluntários virar-se-á de costas para o grupo, com os olhos fechados. O outro será colocado ao fundo da sala, devendo caminhar lenta e silenciosamente até ao seu par. Após ser dada esta instrução, inicia-se o exercício realizado por cada um dos pares. O membro do par que está de olhos fechados deverá simplesmente mandar o seu colega parar, assim que achar mais adequado. O exercício poderá ser repetido, com a constituição de outros pares ou até pela inversão das funções dentro de cada par. Os restantes membros do grupo deverão ser observadores de toda a actividade.

Após o exercício ter sido realizado as vezes julgadas necessárias, segue-se um debate, numa lógica de descoberta guiada, em que são colocadas as seguintes questões:

#### **Aos pares que participaram**

- Como é que se sentiram durante o exercício?
- O que foi mais difícil?
- O que pensavam os que estavam de olhos fechados enquanto pressentiam a outra pessoa a aproximar-se?
- E os outros, o que pensavam enquanto se aproximavam?

#### **Aos observadores**

- Todas as pessoas mandaram parar o seu par da mesma forma?
- Demoraram todos o mesmo tempo a fazê-lo?
- Se as reacções foram diferentes, o que poderá isso querer dizer?

### **A todo o grupo**

- Pensando no que somos, enquanto pessoas, que significado pode ter este exercício? O que pretenderá exemplificar? (encaminhar a discussão para a ideia de que todos estabelecemos limites de forma diferenciada).
- No caso da relação tutorial, qual a proximidade a manter entre o professor tutor e o aluno? Essa proximidade é variável?
- Que factores poderão interferir no estabelecimento dessa proximidade? E quais são os limites? Como devem ser eles estabelecidos?
- Quais os riscos de uma grande proximidade (relação horizontal) ou de clara distância (relação vertical)?
- Conseguem encontrar semelhanças nas vantagens e nos riscos de uma relação de proximidade entre uma relação tutorial e outra relação interpessoal (p.e. entre colegas, entre progenitor e filho adolescente, entre cônjuges)?

Após esta reflexão conjunta, deverá ser feita uma síntese por todo o grupo sobre o exercício e o debate realizados. Nesse debate, deverão ficar claros os seguintes aspectos:

- à semelhança de outras relações interpessoais, a relação tutorial conhece vantagens e riscos;
- como outras relações interpessoais, a relação tutorial é plástica, variável consoante o tempo e as situações, havendo momentos em que os dois elementos da relação poderão estar mais próximos e outras fases em que poderão sentir-se mais distantes;
- é fundamental que o professor tutor, por meio de introspecção, mas também de reflexão com pares, perceba quando está a ultrapassar os seus limites, quando assume um papel demasiado distante ou ainda quando, por alguma razão, fica demasiado próximo, podendo estar a abdicar daquilo que é mais importante, a longo prazo, para o futuro do jovem, mesmo que isso pareça comprometer o futuro da relação tutorial.

## DINÂMICA 2 - DISCUSSÃO DE CASO/SIMULAÇÃO DE PLANO DE INTERVENÇÃO

**Objectivos:** promover a aplicação de competências constantes do perfil do professor tutor.

**Tempo limite:** entre 1h30m e 2h.

**Material:** a) vinhetas fotocopiadas com apresentação de caso; b) *data-show* e computador portátil.

### Desenvolvimento da dinâmica

O animador deve começar por explicar aos professores tutores que, no seguimento da abordagem anterior, é importante realizar um trabalho que se encontre mais próximo daquilo que será a sua prática diária. Embora não seja sempre marcada por dificuldades, por vezes essa prática põe problemas que merecem uma intervenção mais estruturada. É nesse sentido que lhes é apresentado o caso 1, constante do anexo II, para ser trabalhado de acordo com essa lógica.<sup>6</sup>

Inicialmente, os professores tutores são divididos em pequenos grupos (de 2, 3 ou 4 elementos, consoante o tamanho do grande grupo). Nesse trabalho em pequeno grupo deverão ler o texto que apresenta o caso e, em seguida, farão, livremente, uma proposta de intervenção.<sup>7</sup> Uma vez feita essa proposta, cada grupo deverá apresentá-la, bem como as respectivas justificações para as opções feitas.

<sup>6</sup> Uma vez reunido algum conhecimento prévio sobre a escola, poderá ser apresentado um caso com características mais próximas das dificuldades enfrentadas nesse estabelecimento de ensino.

<sup>7</sup> Se possível, os professores tutores poderão ser agrupados em par pedagógico, de modo a que possam começar a interagir dessa forma.

## DINÂMICA 3 - FUNDAMENTOS TEÓRICOS SUBJACENTES À INTERVENÇÃO

**Objectivos:** a) promover a reflexão e a identificação dos pressupostos teóricos que devem estar subjacentes à intervenção, no âmbito da tutoria; b) identificar a visão seguida por cada grupo na resolução do caso, com base no enquadramento teórico.

**Tempo limite:** cerca de 1 hora.

**Material:** a) *data-show* e computador portátil.

### Desenvolvimento da dinâmica

Após a dinâmica anterior, em que, sem qualquer constrangimento, os professores tutores foram convidados a apresentar uma proposta de resolução de um caso, é feito um enquadramento teórico sobre o sintoma escolar e as narrativas possíveis na abordagem a esse sintoma.

Depois de apresentada a leitura sistémica do sintoma escolar, é pedido aos professores que analisem as suas propostas de solução e que identifiquem a narrativa predominante da abordagem que propuseram.

## DINÂMICA 4 - TRABALHO EM GRANDE GRUPO COM BASE NO CASO

**Objectivo:** articular conhecimentos teóricos e práticos acerca da prática de tutoria.

**Tempo limite:** cerca de 1 hora.

**Material:** a) vinhetas fotocopiadas com a apresentação do caso; b) grelhas para preenchimento do plano de intervenção; c) *data-show* e computador portátil.

### Desenvolvimento da dinâmica

Após a reflexão acerca dos aspectos de carácter teórico que devem nortear a intervenção do professor tutor, é proposta uma nova dinâmica. Com base no mesmo caso trabalhado na dinâmica anterior, os professores tutores, conjuntamente com o animador, procedem à análise da situação problemática e preenchem, em grande grupo, uma grelha de leitura sistémica do caso projectada em *data-show* para mais fácil visualização.

No fim deste bloco de actividades, o animador deverá incentivar os participantes a recorrer, novamente, ao painel dinâmico e ao diário, de maneira a registarem os aspectos que considerem mais relevantes nas dinâmicas anteriores.

## 5 - QUESTÕES COMUNICACIONAIS: INTERACÇÃO PROFESSOR TUTOR/ALUNO E PROFESSOR TUTOR/FAMÍLIA

O sucesso da intervenção do professor tutor depende, em larga medida, da sua capacidade de entrosamento com os outros actores, no quadro da relação escola-família-comunidade.

A potenciação da relação com o aluno e com a família implica, pois, o recurso a competências comunicacionais e relacionais, por parte do professor tutor. Nesse sentido, a formação inicial deve ter em atenção a necessidade de trabalhar ferramentas comunicacionais que permitam perceber o que pode tornar a comunicação mais ou menos funcional.

### DINÂMICA 1 - O QUE É A COMUNICAÇÃO?

**Objectivo:** clarificar as perspectivas dos participantes sobre o que é a comunicação.

**Tempo limite:** cerca de 15 minutos.

**Material:** quadro e marcadores.

#### Desenvolvimento da dinâmica

O animador escreve no quadro a palavra comunicação. Durante alguns minutos, e num formato de *brainstorming*, é pedido aos participantes que digam o que é comunicação, usando substantivos e/ou verbos.

Depois de feita uma síntese, o animador procura perceber, junto dos participantes, o que pode dificultar ou perturbar a comunicação, sendo estes aspectos também anotados no quadro.

## DINÂMICA 2 - “É IMPOSSÍVEL NÃO COMUNICAR...” & “A COMUNICAÇÃO PODE SER DIGITAL E ANALÓGICA”

**Objectivo:** a) evidenciar que todo o comportamento contém um conteúdo comunicacional;  
 b) realçar a importância do processo comunicacional na gestão das relações interpessoais;  
 c) evidenciar possíveis dificuldades comunicacionais decorrentes de erros de tradução da linguagem analógica em digital.

**Tempo limite:** cerca de 1 hora

**Material:** nenhum.

### Desenvolvimento da dinâmica

O animador selecciona três ou quatro participantes e pede-lhes que se ausentem da sala por uns minutos; os que ficam na sala serão os observadores.

#### Instruções para os observadores

Vão observar o comportamento individual dos vossos colegas e tentar perceber o que é que cada um deles está a tentar transmitir-vos. Para isso, devem concentrar-se nas suas expressões faciais, postura, olhar, gestos, etc, mesmo que eles não vos enviem uma mensagem por palavras. Após a entrada de cada um deles, deverão registar o que observaram.

REGRA GERAL: Os observadores não poderão colocar questões aos colegas e o trabalho de observação e de interpretação do que vêem deve ser feito individualmente; também não poderão responder, mesmo que sejam (ou pareçam ser) solicitados pelos participantes.

**Instruções para os participantes**<sup>8</sup>

**Participantes 1 e 2:** vão entrar na sala, sentar-se na cadeira que está à beira do quadro e, durante cerca de um minuto, vão evitar transmitir qualquer tipo de informação aos colegas e mesmo entre si; ou seja, não podem falar e deverão ter em atenção a postura, o olhar, as expressões faciais e corporais, os gestos de modo a procurar nada comunicar. O objectivo é não comunicar.

**Participante 3:** entra após este 1º minuto e começa a contar uma anedota ao participante 3 que fecha os olhos e se mantém assim, enquanto o participante 2 sorri vagamente. Então, o participante 1 vira-se para o 2 e começa a relatar-lhe o sofrimento de um amigo, referindo-se-lhe sempre como ele (como se falasse de 1 mas referindo-se a outra pessoa): o participante 2 apenas acena com a cabeça, encolhe os ombros e suspira.

Quando o participante 3 começa a conversar com o 2, o 1 esconde a cara entre as mãos como se estivesse a sentir-se mal e quase a chorar.

Nessa mesma altura entra o **participante 4** que não sabe nada e tem apenas como instrução apoiar o colega mais fragilizado: olha a cena e vai procurar consolar o 1 que lhe responde mal.

**Instruções para o animador**

Para além de dar as instruções aos observadores e aos participantes, o animador deve indicar a estes últimos o momento em que cada um entra em cena.

Terminada a sequência, o animador deverá questionar os observadores sobre o que perceberam da cena e registar no quadro as suas respostas.

Aos participantes, pede-se que digam o que sentiram, durante o exercício, e o que tentaram fazer enquanto estiveram a realizar o mesmo.

<sup>8</sup>As instruções deverão ser dadas a cada um dos participantes separadamente.

Pretende-se, assim, iniciar uma discussão, na qual se debatam ideias relacionadas com a impossibilidade de não se comunicar e com as modalidades de distorção do 1º axioma/regra da comunicação humana que diz, exactamente, que *é impossível não comunicar*: neste caso está ilustrada a) a aceitação passiva (2 sorri vagamente, acena com a cabeça, encolhe os ombros, suspira, não se querendo envolver na comunicação mas também não a rejeitando) e b) a formação do sintoma (fechar os olhos e enfiar a cabeça nas mãos com se estivesse a sentir-se mal). Pretende, ainda, mostrar-se como diferentes informações (o participante 4 não sabe o que se está a passar antes de entrar na sala mas tem a informação de que há um colega que está fragilizado) podem provocar diferentes pontuações e como a linguagem analógica ou não verbal pode gerar problemas na sua tradução: o participante 4, ao ver 1 com a cabeça entre as mãos e quase a chorar, pensa, ouvindo a história que está a ser relatada e sabendo que há alguém fragilizado, que o colega está com um problema quando ele só está desesperado pelo facto de o participante 3 não se calar e o exercício não acabar.

A dinâmica termina com uma identificação de todos os elementos que são passíveis de ser incluídos e interpretados num processo comunicacional.<sup>9</sup>

### DINÂMICA 3 - “O SIGNIFICADO DAS PALAVRAS”

**Objectivo:** a) elucidar sobre as distorções que podem ocorrer na comunicação quando há diferentes informações e/ou pontos de vista; b) introduzir elementos de reflexão acerca da importância da metacomunicação.

**Tempo limite:** cerca de 30 minutos.

**Material:** folhas brancas e esferográficas.

<sup>9</sup> Para reforçar a ideia de que a comunicação tem uma componente não-verbal que pode ser extremamente poderosa quanto aos significados subjacentes, e em jeito de síntese, poderão ser apresentadas algumas imagens em *slide-show* que, pelo seu efeito visual, transmitam esta ideia.

## Desenvolvimento da dinâmica

### Instruções para os participantes

“Vamos fazer um jogo chamado “significado das palavras”. Vou apresentar-vos uma lista de oito palavras que deverão escrever. Depois utilizam cada uma das oito palavras para construírem uma frase. Imaginem que digo a palavra ‘fecho’: cada grupo terá que redigir uma frase com o significado que atribuírem a esta palavra. Pode ser: ‘Eu fecho a porta’. Reparem que eu poderia ter dado outro sentido à palavra: em vez de ter pensado no verbo fechar, poderia ter pensado no fecho das calças e estaria igualmente correcto ‘tens o fecho das calças aberto’”.

### Regras da dinâmica

Deve explicar-se aos participantes que não é permitido perguntar como se escrevem as palavras e o que significam. Portanto, cada grupo, organizado em par, deverá escrever a frase com o sentido que entender.

### Palavras

Canto  
Quadro  
Meia  
Voz/ Vós  
Conselho/ Concelho  
Coser/ Cozer  
Seca  
Brinco  
Coca  
Paço/ Passo

Nota: As palavras são ambíguas, uma vez que apresentadas oralmente deixam dúvidas relativamente ao seu verdadeiro significado, por serem homónimas (escrevem-se da mesma forma mas têm significados diferentes), homófonas (pronunciam-se da mesma forma, mas têm significados diferentes) e homógrafas (escrevem-se da mesma forma, mas têm pronúncias diferentes).

Após a redacção das oito frases, os pares deverão apresentar o resultado do seu trabalho, enquanto o animador vai registando as frases no quadro, de forma a verificar se houve divergências no que diz respeito ao sentido dado às palavras. Iniciamos posteriormente o plenário, que deverá ser conduzido pelo animador e, se necessário, com o auxílio do outro. Nesta descoberta guiada vamos tentar explorar se houve dificuldades em compreenderem o significado das palavras e se, por este motivo, houve divergências entre os elementos dos pares, no que diz respeito à atribuição de significados às palavras e conseqüente construção de frases. Vamos igualmente tentar perceber se se lembraram de outros significados para as palavras e as razões da escolha final.

Pretende-se assim, que os participantes compreendam que as palavras podem ser interpretadas de várias formas e que muitas das vezes, os vários significados estão correctos, dependendo da perspectiva.

### **Questões para plenário**

- Que significado deram às palavras?
- Tiveram dificuldades na elaboração das frases?
- Houve acordo relativamente aos significados atribuídos?

Após a discussão destas questões, os participantes deverão compreender o facto de algumas vezes, num processo comunicacional, as pessoas atribuírem significados diferentes às palavras e de não estarem em sintonia no sentido da conversa, o que poderá conduzir a mal entendidos que seriam evitados se houvesse um esforço de ambas as partes para clarificarem o seu discurso.

#### DINÂMICA 4 - TODA A COMUNICAÇÃO É SEQUENCIALMENTE PONTUADA & TODAS AS INTERACÇÕES SÃO SIMÉTRICAS OU COMPLEMENTARES

**Objectivo:** a) entender que, não sendo possível ter acesso à totalidade da comunicação, cada interlocutor marca o seu início e fim em função da informação que tem e/ou do seu ponto de vista; b) compreender que, por essas razões, podem surgir diferentes pontuações, feitas por cada um dos parceiros comunicacionais, dificultando-lhes o acordo e perturbando a própria comunicação; c) conhecer as duas modalidades básicas da interacção - simétrica e ou complementar - e as suas respectivas distorções.

**Tempo limite:** 30 a 45 minutos.

**Material:** a) seqüências comunicacionais em banda desenhada que ilustram situações de diferentes pontuações; b) história do lobo difamado; folhas para registo escrito.

#### Desenvolvimento da dinâmica

##### 1ª parte

O animador começa por ler a história do lobo difamado (anexo III) e explora, posteriormente, a forma como a existência de perspectivas diferentes pode mudar a experiência e o sentido dos factos sem mudar estes mesmo factos. O animador realça a importância desta capacidade do professor tutor de dar novos sentidos (de reenquadrar), uma vez que, na maior parte das situações, não pode

mudar os factos em si mesmo (p.e., no caso do João, anexo VI, não era possível anular o episódio na aula de matemática nem as dificuldades familiares do rapaz) mas é possível gerar novas leituras, promotoras de novos avanços.

## 2ª parte

O animador começa por pedir quatro voluntários: dois ficam dentro da sala e outros dois sairão durante uns breves minutos. Os restantes elementos ficam como observadores, devendo anotar o que de mais relevante se vai passar do ponto de vista da comunicação.

Depois de dadas as instruções, inicia-se o exercício: a díade que ficou na sala inicia a sua interacção, entre 2 a 4 minutos, findos os quais entram os colegas.

### Para os que ficam na sala

- A 1ª díade deve receber a instrução de manter um diálogo em que ambos os elementos defendem ideias diferentes, mas com igual vigor e sem que nenhum abdique do seu ponto de vista.
- Os restantes elementos ficam como observadores

### Para os dois elementos que saem

- À 2ª díade é pedido que façam todos os esforços para que os colegas comecem a partilhar do mesmo ponto de vista.

No final o animador pede aos observadores que partilhem com todo o grupo as anotações que fizeram. Pede também aos participantes no *role-play* que digam o que sentiram: a 1ª díade deve reportar-se quer ao período em que estava sozinha quer quando foi interpelada pelos colegas; os elementos da 2ª díade devem também dizer como se sentiram, quer entre si quer na relação com a outra díade.

## DINÂMICA 5 - APRESENTAÇÃO SOBRE PROCESSOS COMUNICACIONAIS

**Objectivo:** sistematizar a informação sobre processos comunicacionais (leis da comunicação; modelos comunicacionais; elementos presentes na comunicação).

**Tempo limite:** cerca de 1 hora.

**Material:** *data-show* e computador portátil.

### Desenvolvimento da dinâmica

O animador sistematiza a informação básica sobre a comunicação humana (leis da comunicação; modelos comunicacionais; elementos presentes na comunicação).

Segue-se um pequeno período dedicado ao esclarecimento de dúvidas e apresentação de comentários, finalizando a dinâmica com a entrega aos presentes de um texto que compila os aspectos essenciais do processo comunicacional, se tal se afigurar pertinente.

Neste ponto do trabalho, o recurso ao diário pessoal ou ao painel dinâmico poderá ser encorajado, no sentido dos participantes anotarem mais alguns considerandos, porem questões ou fazerem sugestões quanto ao decurso da formação.

## DINÂMICA 6 - INTERACÇÃO COM A FAMÍLIA (visita domiciliária e contacto telefónico)

**Objectivo:** aplicar os conhecimentos aprofundados nas dinâmicas anteriores, relativamente ao processo comunicacional professor tutor/aluno/família.

**Tempo limite:** cerca de 3 horas.

**Material:** a) folhas brancas; b) esferográficas; c) quadro; d) marcadores; e) *data-show*; f) computador portátil; g) 2 telefones/telemóveis (não activados).

## Desenvolvimento da dinâmica

### 1ª Parte

Esta dinâmica pretende confrontar os professores tutores com um dos contextos de provável interacção com as famílias: a visita domiciliária.

Sendo este um ponto sensível da sua acção, uma vez que poderá implicar algumas resistências, será importante explorar quais as circunstâncias em que os participantes consideram adequado proceder a uma visita domiciliária. Para apurar as diferentes opiniões a este respeito, poderá ser feita uma actividade introdutória, de cariz bastante activo, sugerindo-se duas abordagens possíveis:

a) Debate prós e contras, nos mesmos moldes da dinâmica 2 do ponto 3 deste caderno (sugerido aquando da avaliação de pré-requisitos) colocando-se as seguintes afirmações para discussão:

- A escola deve ter sempre uma posição dominante perante a família;
- A existência de tutoria ajuda a compreender melhor a implicação dos factores familiares na vida escolar do jovem;
- Os professores devem ter uma relação formal com os pais e apenas no que diz respeito a matérias escolares;
- A existência de um professor tutor responsabiliza a família;
- Não vale a pena tentar envolver os pais no percurso do aluno pois eles são desinteressados por natureza;
- Por vezes, uma visita domiciliária pode ajudar a resolver um determinado problema que está a ocorrer na escola.

b) Distribuição das mesmas frases, ou de outras, pela sala de formação, procurando novamente as pessoas aquelas com que se identificam mais ou que despertam algum tipo de reflexão que mereça ser partilhada com o grupo.

Nota: A discussão da última afirmação sugerida deve ser propositadamente deixada para o final.

No fundo, pretende-se perceber, não apenas se os participantes consideram as visitas domiciliárias relevantes ou não, mas, sobretudo, se compreendem que esta pode ser uma actividade que propicia um regime comunicacional diferente entre a escola e a família.

## 2ª Parte

Após esta fase exploratória, passa-se a uma segunda parte da dinâmica. Nesse sentido, começam por ser dadas algumas instruções pelo animador para que os participantes se organizem em pares, de preferência aqueles com que irão trabalhar ao longo do ano lectivo. Cada par pedagógico irá simular uma visita domiciliária que será previamente preparada, de acordo com as seguintes instruções dadas pelo animador:

“ Cada um dos pares irá imaginar a realização de uma visita domiciliária. Será da vossa responsabilidade definir qual a situação de partida que poderá motivar o recurso a uma estratégia deste tipo. A vossa proposta deverá ter em atenção a preparação da própria visita domiciliária, a sua realização, a respectiva conclusão e realização de futuros contactos. Cada uma destas etapas deve ser considerada nessa preparação, embora o modo como se organizam seja completamente livre.”

Após terem sido formuladas, cada uma das propostas deve ser sucintamente apresentada. O animador deve ir anotando os aspectos essenciais da preparação da visita num quadro previamente dividido em quatro partes distintas (preparação da visita, realização da visita, término da visita e preparação de outros contactos).

Depois de revistas todas as propostas, pelo menos uma delas deve ser simulada, sob a forma de *role-play*. Durante a simulação, os restantes elementos devem assumir o papel de observadores participantes. Isto significa que, em determinados momentos, poderão ser feitas interrupções para que os observadores também coloquem questões que considerem pertinentes.

Segue-se um debate no grande grupo, no sentido de se perceber pontos de vista semelhantes ou dissonantes na realização do telefonema inicial e na organização da visita, procurando consensualizar-se os aspectos que devem ser, efectivamente, considerados numa actividade desta natureza.

Na conclusão desta dinâmica, e como forma de sintetizar toda a informação prévia, é exibido o guião de visita domiciliária incluído no CD-ROM apenso a este manual.

### **3ª Parte**

Como ficou explicitado no caderno 1, os contactos com a família não devem ser pontuados pelas dificuldades ou problemas que o jovem tem na escola. Por outro lado, devem ter alguma frequência e devem apoiar-se numa narrativa qualificadora da própria família.

#### **Actividade**

O animador solicita um voluntário, para fazer de encarregado de educação, e ele próprio simula um telefonema em que o contacta para lhe dar a saber as seguintes notícias do aluno: o Filipe tem dias em que é muito cumpridor (tanto em termos comportamentais como no que respeita aos estudos), mas tem outros dias em que não quer trabalhar e é mais conflituoso, mesmo com os colegas.

Durante a simulação, os observadores anotam os aspectos que consideram que foram mais importantes e positivos no telefonema.

No final da simulação, o animador discute, com todos os participantes, as notas dos observadores.

A terminar, poderá ser proveitoso recorrer uma vez mais ao painel dinâmico, bem como ao diário, para registo de alguns dos aspectos que se afigurem mais pertinentes relativamente ao bloco de actividades precedente.

## **Tópicos para a conversa telefónica**

### **- Saudação inicial e explicitação da razão do telefonema**

- Como está, Sr. XX, fala YY, tutor do seu filho. Gostava muito de falar um bocadinho consigo para lhe dizer como o XX tem evoluído nas últimas semanas: pode ser?

- O XX tem mostrado ..... (referir os elementos positivos da sua aprendizagem e do seu comportamento). Há dias em que, no entanto, o XX parece um pouco mais perturbado, não sei se mais preocupado, se mais cansado, se mais aborrecido pois está mais inquieto, menos atento.

### **- Qualificação do encarregado de educação**

- Não sei se algo semelhante se passa em casa, se é só na escola.... Tem alguma ideia do que pode passar-se nos dias em que o XX está irritado e inquieto?

### **- Pedido de colaboração e finalização**

- Gostava de lhe pedir que possa continuar atento e caso tenha alguma informação ou ideia que queira partilhar comigo o faça (tem o meu contacto, não tem?). Eu também voltarei a contactá-lo para lhe ir dando conta da evolução do XX.

## DINÂMICA 7 - INTERACÇÃO COM O ALUNO (espaço individual)

**Objectivo:** aplicar os conhecimentos aprofundados, nas dinâmicas anteriores, relativamente ao processo comunicacional professor tutor/aluno/família.

**Tempo limite:** 1 hora e 30 minutos.

**Material:** a) fotocópias de vinheta incompleta; b) fotocópias de vinheta completa; c) fotocópias do perfil do professor tutor; d) *data-show*; e) computador portátil.

### Desenvolvimento da dinâmica

Esta dinâmica deverá ser dividida em duas partes.

Numa primeira parte da dinâmica, é distribuída uma vinheta de caso incompleta (anexo IV). É pedido aos presentes que se coloquem perante a problemática e que, em pares, definam como abordariam o caso e que competências poriam em prática para o solucionar.

A forma de abordar o caso por cada um dos pares previamente constituídos (estratégias e competências postas em prática) é apresentada e anotada no quadro pelo animador.

Numa segunda parte, são distribuídas fotocópias da vinheta de caso completa (anexo V) e do perfil do professor tutor inscrito no manual. As competências apontadas por cada par vão sendo anotadas pelo animador numa grelha projectada em *data-show*, para que todos possam ter uma visão de conjunto do trabalho realizado. Com base nesses dois documentos, é pedido aos presentes que identifiquem as competências postas em prática neste caso.

## DINÂMICA 8 - SÍNTESE

**Objectivo:** proceder à revisão do perfil do professor tutor.

**Tempo limite:** 1 hora.

**Material:** a) *data-show*; b) computador portátil; c) cópias do guião de estratégias comunicacionais.

## **Desenvolvimento da dinâmica**

De modo a fazer uma revisão das competências do professor tutor por área de intervenção é, de novo, apresentado o perfil e as áreas de intervenção.

No final da apresentação é feito um pequeno debate, de modo a que sejam esclarecidas eventuais dúvidas e para que os professores tutores possam expressar, livremente, a sua opinião acerca do perfil apresentado.

Recomenda-se, novamente, o recurso ao diário pessoal e/ou ao painel dinâmico como forma de sistematizar informação, recolher opiniões e reflexões de cada um dos participantes e compilar questões/dúvidas que ficaram por esclarecer.

## 6 - DISTINÇÃO ENTRE PROFESSOR TUTOR E OUTRAS FIGURAS DO CONTEXTO ESCOLAR

Uma das questões que costumam pôr-se no terreno ao professor tutor é a distinção em relação a outras figuras que actuam de forma constante ou pontual no contexto pedagógico. Para além da distinção entre o papel do professor tutor e o dessas figuras, como o director de turma, o psicólogo escolar ou o técnico de serviço social da área geográfica da escola, há ainda que perceber os seus pontos de contacto. Por outras palavras, torna-se fundamental estabelecer as condições da articulação entre todos esses profissionais que actuam no contexto escolar.

### DINÂMICA 1 - O QUE FAÇO E COMO ME DEVO ARTICULAR

**Objectivo:** a) clarificar a especificidade da intervenção de diferentes profissionais; b) definir os limites de acção do professor tutor; c) experimentar as tensões existentes entre diferentes actores sociais; d) clarificar os modos de articulação entre o professor tutor e diferentes técnicos de intervenção psicossocial.

**Tempo limite:** cerca de 2 horas.

**Material:** a) vinheta e jogo de cartões; b) *post-its*; c) quadro; d) marcadores.

## Desenvolvimento da dinâmica

### 1ª Parte (30 a 45 m.)

Antes do início da dinâmica, o animador distribui a todos os membros do grupo: a) um caso descrito numa vinheta (anexo VI); b) 4 jogos de cartões com quatro descrições diferentes e que correspondem a quatro papéis diferentes: de psicólogo escolar, de director da escola, de director de turma e de tutor. Depois pede a cada participante que identifique cada um dos papéis profissionais, colando um *post-it* onde escreve psicólogo, director da escola, director de turma, professor tutor. Comparando as respostas dadas por todos, discutem-se e clarificam-se as especificidades de cada papel.

### 2ª Parte (cerca de 1 hora)

O animador solicita a colaboração de cinco voluntários. A quatro deles é pedido que desempenhem o papel de um dos profissionais referido. Ao quinto é solicitado que represente a segurança social.

O objectivo do *role-play* é simular uma reunião em que se pensa o que deve ser feito neste caso. Para isso, o animador, que dirige a reunião, deve colocar um conjunto de questões de forma a orientar a reflexão e a tomada de decisão.

Caso a reunião esteja num certo impasse, o animador pode interrompê-la pedindo aos observadores que digam o que estão a sentir e/ou que coloquem questões que possam levar os elementos em reunião a pensar ou a pontuar de forma diferente daquela que têm feito até ao momento.

**Cartão 1**

Começa por rever as notas que tomou quando soube do episódio ocorrido na aula de matemática e fala com a professora de matemática para perceber melhor o que aconteceu antes, durante e depois do referido episódio. Tenta perceber, com a professora, qual foi o seu comportamento, o do João e o dos colegas. Revê, também, outras informações que tem a respeito de anteriores contactos com o aluno. Não consegue encontrar uma explicação para estas faltas, mas põe a hipótese do rapaz estar com receio de passar para o estágio. Como não consegue falar telefonicamente com a mãe do João, faz uma visita domiciliária mas não encontra ninguém. Uma vizinha confirma que mãe e filho têm estado em casa mas acabaram de sair há cerca de 30m e não sabe o que foram fazer. A senhora acrescenta que não sabe o que se passa, pois eles têm andado muito calados mas conta que quando o pai do João estava em casa se ouviam muitas discussões: está mesmo convencida de que o senhor batia na mulher; desde há umas semanas que deixara de aparecer. Perante esta informação, pergunta-se o que pode mais fazer.

**Cartão 2**

Após dois dias de faltas consecutivas e não justificadas, escreve um postal à mãe/encarregada de educação do João. Repete esta diligência na semana seguinte, dado não ter recebido qualquer resposta e dado não ter o contacto telefónico da mãe. Pergunta aos colegas do João se sabem o que é feito dele ou se têm alguma ideia sobre os motivos das suas faltas. Conversa com vários elementos da escola, consulta o processo do aluno mas, perante a ausência de novas informações, pensa contactar com a Segurança Social.

### **Cartão 3**

Pensando que está fora de questão perder este aluno, não só pelo percurso que o João já fez como pelo facto ser muito penalizador aumentar os números do absentismo e do abandono, considera que há que continuar a tentar entrar em contacto com a mãe do jovem. Lamenta que a escola não tenha assistente social, pois este parece ser um caso social.

### **Cartão 4**

Depois de falar com a professora de matemática e com os restantes professores da turma, depois, ainda, de consultar o processo do aluno, pensa contactar com a Segurança Social para ver se se trata de uma família apoiada, uma vez que este parece ser um caso social. Se assim for, esta entidade pode saber o que se passa e pode sugerir à família, ou ao próprio João, que contacte com o gabinete de psicologia. Depois de uma avaliação mais completa da situação, seria por ventura mais fácil definir uma estratégia de acção.

### **Técnico da Segurança Social**

Informa que o pai do João vai ser, nos próximos dias, julgado por crime de violência conjugal. Neste momento está obrigado a não se aproximar de casa nem a contactar a mulher ou o filho.

O João acha que já perdeu o ano, depois dos disparates que fez na aula de matemática, e por isso deixou de ir à escola. Para além disso, está a ser aliciado, por um amigo do pai, a ir trabalhar.

A mãe está muito em baixo e não sabe o que fazer.

### **Perguntas colocadas pelo animador para conduzir a reunião**

- O que é que já fizeram para tentar resolver situação?
- Das estratégias usadas quais parecem ter dado melhores resultados?
- O que sabemos, neste momento, acerca do caso?
- Qual o objectivo que deveremos procurar atingir?
- O que é que cada elemento pode fazer para que ele seja alcançado?
- O que é que, mesmo não intencionalmente, cada elemento pode fazer que pode dificultar o alcance desse objectivo?
- Terá algum dos presentes um papel fundamental na resolução do problema?
- O que pode o João sentir (tanto em termos positivos quanto negativos) quando for abordado no sentido de regressar? E a mãe?
- O que dizer para que possam sentir-se minimamente confortáveis?
- No caso de haver diferentes pontos de vista: o que é diferente entre as várias posições? O que é que essa diferença nos faz pensar? Como a podemos ultrapassar?

No final desta actividade, poderá ser proveitoso recorrer uma vez mais ao painel dinâmico, bem como ao diário, para registo de alguns dos aspectos que se afigurem mais pertinentes relativamente ao bloco de actividades precedente.

## 7 - PLANIFICAÇÃO ANUAL DE ACTIVIDADES

A ponte entre a formação inicial e a prática de tutoria em meio escolar deve ser a planificação das actividades a desenvolver nesta área, durante um ano lectivo.

Nesse sentido, uma das últimas actividades da formação inicial deve consistir, precisamente, na planificação real, ou simulada, das actividades fulcrais a desenvolver durante um ano lectivo.

De modo a facilitar esta planificação, o animador deverá apresentar modelos próprios, prontos a serem preenchidos, participando activamente nessa planificação, caso seja ele, também, o supervisor das actividades planificadas.

### DINÂMICA 1 - EXERCÍCIO DE PLANIFICAÇÃO

**Objectivo:** planificar ou simular a planificação das actividades de tutoria em meio escolar.

**Tempo limite:** cerca de 3 horas.

**Material:** a) *data-show*; b) computador portátil; c) grelhas de auto-preenchimento.

#### Desenvolvimento da dinâmica

O animador introduz a necessidade das actividades de tutoria serem planificadas, tal como outras actividades em meio escolar, de modo a que possam ser executadas da melhor forma.

Nesse sentido, o animador pode fazer uma apresentação prévia de todas as actividades que estão previstas, à partida, na aplicação da tutoria em contexto escolar (avaliação da evolução dos alunos, reuniões de supervisão, avaliação formativa de professores tutores, espaço de tutoria, abordagem à família, etc.).

De modo a ajudar a planificação, poderá ser explorado o capítulo do manual *Tutal* que contém algumas sugestões de actividades e poderá apresentar-se uma planificação anteriormente feita, no quadro de uma escola, para poder ser discutida. Paralelamente, deve ficar claro que a planificação é um exercício em aberto, pois outras actividades poderão ser incluídas ao longo do tempo, em função das necessidades de cada turma.

## 8 - AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO

A formação inicial deverá incluir um exercício de avaliação da própria acção. Este exercício, além de permitir recolher um conjunto de depoimentos que constem do próprio dossê da formação, também oferece pistas sobre ajustamentos necessários na realização de acções futuras.

**Objectivo:** avaliar a formação nos seus mais variados aspectos.

**Tempo limite:** cerca de 2 horas.

**Material:** a) *data-show* e b) computador portátil; c) questionários da avaliação do perfil do professor tutor; d) questionários da avaliação da formação; e) câmara de vídeo (se necessário).

### Desenvolvimento da dinâmica

#### AUTO-AVALIAÇÃO

A auto-avaliação dos conhecimentos adquiridos é feita com a passagem do questionário do perfil do professor tutor, sob a forma de pós-teste.

Adicionalmente, é pedido a cada um dos participantes que redija um pequeno relatório, sobre a forma como decorreu a formação, salientando aspectos como:

- de tudo quanto aprendeu/vivenciou, o que considerou mais útil para o futuro desempenho da função de professor tutor;
- que questões pessoais a formação levantou e que continuarão a merecer reflexão;
- que dúvidas é que tem sobre o papel de professor tutor.

## **AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO**

A avaliação da formação deverá ser feita de uma forma escrita, através da passagem de um questionário (anexo VII), bem como de um processo participado, que permita aos participantes comentar a formação.

Neste processo, deverão ser lançadas três questões a que todos deverão responder:

- a) Os conteúdos abordados foram adequados?
- b) A forma de abordar os conteúdos é, na sua opinião, a mais correcta?
- c) Que sugestões faria para outras formações neste domínio, que possam ser realizadas no futuro?

Os aspectos considerados mais pertinentes deverão ser registados em modelo próprio. Se o grupo não objectar, poderá ser feito um registo vídeo do processo participado.

## **ENCERRAMENTO**

Durante o encerramento, poderá ser organizado um momento de consolidação grupal (como uma fotografia ou uma última exploração do painel dinâmico).

No final, sugere-se a leitura conjunta do testemunho de Brown (2004) enquanto tutorando (anexo VIII).

# ANEXOS





# ANEXO 1

## Instruções

O questionário que se segue serve como forma de se avaliar enquanto potencial professor tutor. Leia as seguintes afirmações e classifique-as de um a quatro. Tente ser o mais sincero possível.

## Escala

**1 - discordo totalmente; 2 - discordo; 3 - concordo; 4 - concordo totalmente**

Competências a avaliar	1	2	3	4
1. Conheço os objectivos específicos da tarefa de tutoria e os compromissos que o seu exercício acarreta				
2. Conheço a comunidade em que a escola se insere, nomeadamente no que diz respeito às instituições e espaços de cultura e lazer				
3. Estou disponível para estabelecer relações de maior proximidade com os alunos, famílias e comunidade				
4. Tenho já (ou estou preparado para fazê-lo) laços sociais fortes com outros professores e com a comunidade				
5. Considero-me organizado (sou capaz de manter um registo regular de tarefas já executadas e de planificar com alguma antecedência as tarefas a executar num futuro próximo)				
6. Sou flexível (nomeadamente, sou capaz de aceitar pontos de vista diferentes, outros valores e outras crenças)				
7. Sou perseverante (nomeadamente, não desisto face às dificuldades ou obstáculos)				
8. Sou paciente (consigo respeitar o ritmo dos outros)				
9. Sou capaz de ouvir o que o outro tem para dizer (i.é, de me descentrar dos meus próprios pontos de vista)				

<b>Competências a avaliar</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
10. Sou capaz de gerar nova informação (i.é, reenquadrando o que foi ouvido e dito, consigo fazer surgir novas ideias ou perspectivas durante uma conversa)				
11. Sou capaz de promover a comunicação funcional (i.é, aquela que promove o encontro ou o consenso entre as pessoas)				
12. Sou capaz de identificar e de transformar as perturbações da comunicação (i.é, os aspectos responsáveis pelos problemas/dificuldades da comunicação)				
13. Sei identificar necessidades e possíveis respostas (nomeadamente, em relação a alunos, ao grupo turma e exteriores à escola)				
14. Consigo ser complementar (nomeadamente, consigo identificar e aceitar áreas e aspectos em que o professor é mais dominante e responsável pela interacção e o tutorando responde a esse comportamento e vice-versa)				
15. Sei reajustar objectivos ou decisões prévias a novas informações ou pontos de vista				
16. Consigo ser firme e não abdicar daquilo que é importante para o percurso desenvolvimental do tutorando				
17. Consigo funcionar como um modelo (acho que tenho um discurso e uma prática coerentes)				

O António era um rapaz de catorze anos e andava no Profij II há uns dois meses, num curso de carpintaria. Ele escolheu carpintaria porque tinha um tio, com quem se dava muito bem, que era carpinteiro. Às vezes, sobretudo ao fim-de-semana, o António ia para a oficina do tio vê-lo a trabalhar e dar-lhe uma ajuda em algumas coisas. Quando apareceu a oportunidade de entrar num curso de carpintaria, o António nem pensou duas vezes. Assim que soube dessa possibilidade, foi imediatamente à escola que abriu o curso para se inscrever, pois pensava que a sua vida, a partir de então, seria completamente diferente. Até ali, o António nunca gostara de ir à escola. O Português e a Matemática eram um calvário para ele e, no geral, tudo lhe parecia aborrecido ou difícil. Sempre passara “à rasquinha” e os seus colegas costumavam gozá-lo, tratando-o como se fosse estúpido ou anormal.

“Talvez um curso de carpintaria seja mais fácil e menos aborrecido”, pensou ele com os seus botões. Ainda para mais, de carpintaria já sabia ele muito, talvez até o suficiente para ensinar coisas aos colegas e, quem sabe, ao próprio professor.

As coisas não correram, todavia, como o António estava à espera. O curso continuava a obrigar a algum estudo e os seus conhecimentos de carpintaria eram, afinal, muito reduzidos. Tinha, pois, ele de aprender ainda muito e de se esforçar para conseguir passar de ano e ter um certificado de carpinteiro daqui a dois anos. Foi por isso que, nos últimos tempos, o António começou a faltar às aulas de vez em quando e a pensar em desistir. É que, entretanto, começou a pensar que não dá mesmo para os estudos. Por mais que marre, as coisas nunca haverão de entrar, pelo que mais vale ir trabalhar. Talvez o tio lhe dê emprego na oficina e ele ganhe um dinheirinho. Depois, aos poucos há-de ir subindo na vida.

Os pais do António ainda não sabem do que se passa nas últimas semanas com o filho. No início do ano, conheceram os professores tutores do António. Eles até foram lá a casa para os conhecer e, pelo que sabiam até então, o António até ia bem na escola. A mãe do António é mulher-a-dias e o pai é mecânico. Os dois empenham-se muito em que o António conclua a sua escolaridade obrigatória, mas a verdade é que pressentem que esta é a última oportunidade que ele terá, porque nunca se interessou verdadeiramente pelos livros.



## HISTÓRIA DO LOBO DIFAMADO

Christianne Grau\*

A minha casa era a floresta. Era aí que eu morava e tinha muito cuidado com ela.

Uma bela manhã, quando apanhava os restos de lixo que os campistas tinham deixado espalhados um pouco por toda a parte, ouvi um barulho de passos vindo do caminho. Escondi-me rapidamente por detrás de uma moita para ver o que seria. Quase logo de seguida, vi uma menina toda vestida de vermelho e com um capuz na cabeça. Dir-se-ia que não queria que a reconhecessem. Aproximei-me dela, com prudência, para lhe perguntar o seu nome, para saber de onde vinha e tudo o mais. Ela contou-me uma história bizarra e disse-me que ia a casa da avó para lhe levar comida.

Compreendem que eu desconfiava dela por causa da sua maneira de vestir. Disse-lhe, contudo, que ela podia continuar o seu caminho e corri velozmente, por um atalho, para casa da sua avó. Quando cheguei a casa da velha e gentil senhora, conversámos e ela compreendeu logo o meu problema, concordando comigo que era necessário dar uma lição à menina. Esta devia aprender que não é possível passear na floresta sem avisar os seus habitantes, sobretudo vestindo-se daquela maneira. A Avó emprestou-me, então, as suas roupas e eu enfiei-me na sua cama. Vocês não sabem mas, contudo, ela ficou escondida debaixo da cama o tempo todo! Quando a menina chegou, e veio ter comigo ao quarto, começou logo por dizer que eu tinha uns olhos muito grandes e estranhos. Apanhado um pouco desprevenido, respondi que era “para a ver melhor” e preparava-me para lhe explicar...

Quando ela logo me cortou a palavra para fazer notar as minhas orelhas peludas.

\* Licenciada em Ciências da Educação e diplomada em Pedagogia Curativa, *Maitre Practicien et Formatrice* em Programação NeuroLinguística (PNL)

Compreendem que eu gostava cada vez menos desta menina. Pensei, no entanto, que era melhor estender-lhe a outra face e respondi-lhe que era “para a ouvir melhor”. Por outras palavras, disse-lhe que estava disposto a escutá-la e a comunicar com ela. Mas esta menina não percebeu nada. Eu tenho um problema sério com os meus dentes: eles são longos e pontiagudos. Claro que ela aproveitou logo para me dirigir mais um dos seus reparos indelicados. Eu sei que me devia ter controlado mas saltei para fora da cama, gritando com muita força que era “para melhor a comer”. Toda a gente sabe que é impossível um lobo comer uma menina. Mas esta começou a correr à volta do quarto, gritando, e eu corria atrás dela para tentar acalmá-la. Foi aí que as coisas se complicaram.

Vi aparecer, no vão da porta, um lenhador, um colosso com o seu machado na mão e compreendi, logo de seguida, que estava em perigo. A janela estava aberta e aproveitei para me salvar.

E assim acaba a história. Só há um problema. É que de cada vez que a avó explicou o que se tinha passado ela esqueceu sempre o meu ponto de vista e toda a gente acreditou que eu era vilão e malvado e que ninguém gostava de mim. Ignoro o que aconteceu à menina vestida de vermelho mas eu não vivi sempre feliz e não tive muitos filhos.

# ANEXO 4

O João era tido como um rapaz esperto e relativamente ajustado na escola, ainda que fosse pouco motivado para as aprendizagens escolares.

Recentemente, começou a apresentar alguns problemas comportamentais que redundaram num processo disciplinar na disciplina de Matemática. Nessa aula recusou-se a fazer o trabalho e, como se isso não bastasse, ainda insultou a professora.

Quase logo de seguida começou a faltar dias inteiros e sucessivos, sem apresentar qualquer justificação. Na escola não havia qualquer contacto telefónico o que dificultava o contacto com a encarregada de educação.

A situação era urgente não só porque, faltando, o João se atrasava, mas porque podia mesmo perder a possibilidade de entrar em estágio (que começava a curto prazo) e, como tal, de finalizar o curso.



No início do ano lectivo, as professoras tutoras da turma de auxiliares de acção educativa foram confrontadas com uma situação inesperada: Marlene uma jovem de 17 anos, estava grávida. A revelação foi feita pela aluna a uma das professoras tutoras, num dos espaços de tutoria dedicados ao atendimento individual, onde esta compareceu. A expressão facial de Marlene, evidenciando uma nítida apreensão, acabou por convidar a professora tutora a fazer mais algumas perguntas e a perceber melhor o que se passava, pois no início da conversa, a aluna mostrou-se um pouco relutante em falar sobre o sucedido.

Depois de tomar conhecimento da situação, a primeira preocupação da professora tutora foi a de saber se a aluna pretendia continuar na escola. Foi possível entender que havia vontade de Marlene em permanecer a estudar, até concluir o seu percurso no curso de auxiliar de acção educativa. Depois, a professora tutora tentou também perceber como estava a família a reagir à gravidez de Marlene. Felizmente, os pais da aluna mantinham-se do seu lado e estavam prontos a ajudar. Todavia, Marlene já não mantinha a relação que a ligava ao companheiro de quem engravidou.

Uma vez que havia motivação para prosseguir os estudos e que existia suporte familiar, a professora tutora tentou gerir a situação no seio do grupo turma e também criar condições para que fosse dado um acompanhamento adequado à gravidez de Marlene, através de um seguimento de carácter psicológico. De facto, a conversa tida com a aluna fez a professora tutora perceber que estes seriam os dois aspectos que pareciam ser problemáticos e que necessitavam de resposta mais imediata.

Identificadas as competências presentes na gestão do caso, nomeadamente a existência de suporte familiar, as professoras procuraram solucionar os aspectos problemáticos.

De maneira a trabalhar a questão no seio do grupo turma, uma das professoras tutoras pediu apoio à equipa técnica do projecto Itineris, bem como ao psicólogo escolar. O espaço de tutoria grupal acabou por servir de base ao trabalho com as jovens alunas, no sentido de discutirem e de aceitarem a situação e de servirem como fonte de suporte para a jovem, através de algumas dinâmicas preparadas para esse efeito e de discussão em grupo. Neste particular, ao longo do ano lectivo, houve uma grande mobilização de todas as colegas de Marlene, sobretudo num sentido protector, pedindo aos professores das diferentes disciplinas que, aqui e ali, as deixassem acompanhar a colega à casa-de-banho, porque se sentia indisposta, ou ao refeitório ou ao bar, para que tomasse as suas refeições. Foi de tal maneira forte a identificação das colegas com a situação da colega que foi mesmo

organizado um *baby-shower* por sua iniciativa, no qual participaram todas as alunas, as professoras tutoras da turma e restantes professores do curso, tendo todos contribuído para o enxoval do bebé.

Relativamente ao acompanhamento psicológico a dar à gravidez de Marlene, a professora tutora que conversara com a aluna procurou saber, junto dos serviços de psicologia e da equipa técnica do projecto, qual o melhor encaminhamento que poderia ser feito a este caso. Depois dos contactos efectuados, foi possível encaminhar a jovem para o Centro de Saúde, o qual se encarregou de fazer o acompanhamento à gravidez de Marlene. Todavia, na ausência de uma autorização do encarregado de educação nesse sentido, Marlene acabou por não beneficiar do apoio de um psicólogo, mas apenas do acompanhamento médico necessário nestas situações. As professoras tutoras da turma foram, contudo, mantendo alguma atenção sobre a aluna, para o caso de um apoio desse tipo se tornar mais premente. Uma vez que o apoio familiar e da turma, juntamente com o acompanhamento médico à gravidez efectuado no Centro de Saúde, pareceu ser suficiente para ajudar a aluna a enfrentar os desafios que se aproximavam, a hipótese do apoio psicológico deixou de parecer tão necessário embora, pontualmente, fossem feitos contactos com a família.

A meio do segundo período, a situação de Marlene voltou a preocupar as professoras da turma. A aluna andava nitidamente preocupada, de choro fácil. Em algumas aulas chegava mesmo a sair da sala. Alertadas para o facto, as professoras tutoras, nomeadamente aquela que tinha uma relação mais próxima com a aluna, procuraram perceber o que se passaria com Marlene. Num atendimento em espaço de tutoria individual, e depois de alguma insistência por parte da professora tutora, foi possível verificar que a aluna andava perturbada porque o antigo companheiro, de quem engravidara, voltara a viver com ela e com os pais, depois de se ter afastado durante um período. Os pais de Marlene eram de acordo que o rapaz deveria permanecer lá em casa, ao passo que a rapariga estava bastante irritada com essa situação. Além disso, havia outros problemas sociais que assolavam a família e que punham em risco a continuidade de Marlene na escola. Por um lado, o pai de Marlene deixara de trabalhar. Segundo o médico que o acompanhava, o senhor estava com uma depressão e nem saía da cama. A mãe, por sua vez, tinha um trabalho a meio-tempo e três filhos para criar. Havia, pois, dificuldades económicas, para mais agravadas pelo facto deste núcleo familiar ainda dar apoio a uma avó e ao ex-companheiro de Marlene. Paralelamente, havia um irmão mais novo de Marlene, com

quatro anos, que desenvolvera uma fobia à escola e que deixara de ir ao jardim-de-infância. A mãe precisava de alguém que tomasse conta dele e, dentro de uns meses, haveria também o bebé de Marlene, não havendo outra maneira de garantir os cuidados a estas crianças senão através do apoio da aluna em casa, na perspectiva dos pais.

Depois da conversa com Marlene, ficou acertado que a professora tutora falaria com a mãe da aluna, para procurar algumas soluções para os problemas. Nessa altura, Marlene pediu apenas para que a questão do ex-companheiro não fosse abordado, ao que a professora tutora acedeu.

Atendida a mãe e conhecidas as dificuldades sociais e económicas que punham em risco a continuidade da aluna na escola e que eram, basicamente, as mesmas que Marlene já expusera, anteriormente, em espaço de tutoria, ficou acordado com a encarregada de educação que seriam feitos alguns contactos no sentido de se procurar resolver alguns dos problemas. Perante os sintomas depressivos da filha, e ao contrário do que sucedera no primeiro período, a mãe, desta vez, concordou em procurar o psicólogo para apoiar a filha nesta fase, facto que se constituía, de resto, como um dos pedidos de Marlene, nesta fase.

Feitos contactos com a equipa técnica do projecto Itineris, foi aconselhado que a família se pudesse dirigir ao Instituto de Acção Social, de modo a perceber se teria acesso ao Rendimento Social de Inserção. Concomitantemente, foram indicadas as técnicas da equipa de acção social responsáveis pela área geográfica de residência desta família, que logo se disponibilizaram a ajudar em todo o processo de preenchimento de formulários. Em conversa com as referidas técnicas, foi ainda sugerido pelas mesmas que, relativamente à criança que estava para nascer daí a dois meses, Marlene pudesse candidatar-se ao apoio de uma ama, para poder concluir a escolaridade mínima obrigatória. Quanto ao irmão de Marlene, perante a impossibilidade de arranjar alguém que pudesse ficar com ele, a própria escola permitiu que a criança viesse para a escola, se tal fosse necessário, e que fosse a própria turma a responsabilizar-se pelos cuidados ao menino, tanto mais que tais funções se enquadravam, precisamente, no âmbito de formação da turma de auxiliares de acção educativa.



O João era tido como um rapaz esperto e relativamente ajustado na escola, ainda que fosse pouco motivado para as aprendizagens escolares. Recentemente, começou a apresentar alguns problemas comportamentais que redundaram num processo disciplinar na disciplina de Matemática. Nessa aula recusou-se a fazer o trabalho e, como se isso não bastasse, ainda insultou a professora.

Depois da professora tutora e da psicóloga escolar terem tentado perceber, por várias vezes, o que se passava com o jovem, a verdade é que este começou a faltar dias inteiros e sucessivos, sem que a sua mudança de comportamento tivesse ficado totalmente esclarecida.

Uma vez que só daí a um mês haveria reunião de supervisão, tanto a psicóloga da escola como a professora tutora entraram em contacto com o supervisor dos tutores, descrevendo o caso e tentando perceber o que estaria a passar-se com o jovem. O mais preocupante é que a mãe não tinha contacto telefónico e ninguém conseguia falar com ela ou com o João, para perceber o que estaria a passar-se.

Perante estes dados, o supervisor sugeriu que se tentasse apurar mais dados sobre a família, nomeadamente junto do Instituto de Acção Social. Assim foi feito, o que permitiu perceber que a família era acompanhada pela equipa responsável pelo Rendimento Social de Inserção. Essa equipa desconhecia que o João estava a faltar à escola havia já quase duas semanas, tendo mesmo ficado surpreendida porque o jovem parecia bem integrado e não apresentava problemas de maior, do ponto de vista escolar. Foi possível também apurar que a mãe, apesar de ser uma senhora preocupada com o futuro do filho, tinha algumas limitações de saúde, tendo também algumas dificuldades para deslocar-se à escola, por não ter transporte próprio. Mais importante ainda, percebeu-se que a equipa do Instituto de Acção Social tinha uma boa relação com a senhora, o que poderia ser potenciado para resolver, pelo menos, parte do problema.

Todas estas informações foram transmitidas à escola. Entretanto foi definido um plano de trabalho conjunto, assente nas seguintes linhas:

- a equipa do Instituto de Acção Social faria uma visita domiciliária para apurar novas informações e negociar o regresso do João à escola;
- todas as informações pertinentes sobre o caso seriam passadas à professora tutora;
- a professora tutora trabalharia com o supervisor algumas questões relativas ao reenquadramento do jovem na escola.



# ANEXO 7

## Questionário de avaliação de reacção

No sentido de avaliar a qualidade desta formação e de introduzir todas as melhorias consideradas necessárias, será importante que preencha este questionário, que a avalia em diversas dimensões.

Classifique cada afirmação de acordo com a escala abaixo apresentada e, no final, indique sugestões que, no seu entender, permitirão melhorar a aplicação desta formação.

### Escala

**1 - nada; 2 - pouco; 3 - bastante; 4 - totalmente.**

Aspectos a avaliar	1	2	3	4
1. Os objectivos apresentados inicialmente foram atingidos				
2. O animador conseguiu motivar o grupo para as actividades				
3. Os conteúdos apresentados foram adequados aos objectivos propostos				
4. Houve um equilíbrio entre as metodologias utilizadas (activa, demonstrativa e expositiva)				
5. Os materiais de apoio distribuídos permitem aprofundar os conteúdos apresentados				
6. As dinâmicas utilizadas revelaram-se ilustrativas dos conteúdos trabalhados				
7. A organização geral da sequência das sessões foi adequada				
8. Houve preocupação do animador em fazer sínteses dos conteúdos apresentados				
9. O animador manteve uma boa relação com o grupo de participantes				
10. Foi estimulada a participação activa dos participantes				



“O Senhor Lentz era o meu tutor judicial entre os 14 e os 18 anos. Detestava tudo naquele velhote, a falta de pescoço, a calvície, o paternalismo e a total autoridade que exercia sobre mim. Via-o como a tortura da minha existência e a razão pela qual fui enviado, sucessivamente, de instituição para instituição e de programa para programa.

Durante três anos e meio, fui obrigado a ouvir as suas palestras incessantes sobre o que está bem e o que está mal, a necessidade de mudar o meu comportamento e onde é que eu acabaria se não mudasse os meus modos. Pelo menos uma vez por semana, nos períodos em que não estava institucionalizado, encontrámo-nos no seu gabinete, na minha casa ou até em restaurantes para discutir os meus progressos. Ele sabia tudo sobre a minha família, os meus problemas, os meus comportamentos e dizia sempre que eu podia fazer melhor desde que decidisse fazê-lo. Aposto que nunca soube se o seu interesse por mim fazia qualquer diferença, porque eu, propositadamente, negava os benefícios do seu esforço. (...) Quando fiz dezoito anos, deixei de estar sob a supervisão do Senhor Lentz. Nunca mais o vi ou voltei a falar com ele.

O Senhor Deiter era o director do York Suburban High School, onde eu ia à escola. Costumávamos chamá-lo “sapinho”. No meu segundo ano, o Senhor Deiter suspendeu-me e expulsou-me da escola por perturbar a aula e lutar com um colega. Deixei de poder frequentar as aulas e fui enviado para um programa de orientação vocacional noutra escola. Depois de voltar à escola, passei a conhecer melhor o Senhor Dieter. Era constantemente chamado ao seu gabinete por este ou por aquele comportamento menos próprio(...).

O Agente Kohler era um polícia na cidade onde eu vivia. A minha primeira recordação remonta à noite em que ele e mais dois polícias me apanharam e me levaram ao hospital. Tive uma reacção à medicação para o acne e saí disparado de casa dizendo que me ia matar. Ele e os restantes agentes tiraram do meu tempo para garantir a minha segurança.

Nos anos que se seguiram, o Agente Kohler, por diversas vezes, assumiu comigo uma relação paternal. Passava em minha casa ou parava na minha rua para saber dos meus progressos na escola ou na instituição onde estava. Recordo-me vivamente do dia inteiro que passou comigo a discutir o meu futuro e a experiência de estar preso pela qual eu já havia passado nessa altura. Todos estes três homens deixaram uma marca indelével na minha vida, cada um à sua maneira, mas só quando cheguei aos meus trinta e poucos anos é que percebi o quanto eles haviam influenciado o meu desenvolvimento. Se um trabalhador social me tivesse abordado antes dessa altura para me perguntar sobre a tutoria e os seus efeitos na minha adolescência ou no início da idade adulta eu teria negado que tinha tido sequer um tutor. (...) Com a passagem do tempo e o benefício da reflexão, da perspectiva e da maturidade, agora percebo a poderosa influência que estes homens e outros tiveram no meu desenvolvimento. Os tutores fizeram toda a diferença naquilo que sou e naquilo que poderia ter sido.”

Brown, W. (2004). *Resiliency and the mentoring factor. Reclaiming Children and Youth*. 13, 2, 75-79.



